

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
ADRIANO SANTOS DE OLIVEIRA**

**A INTERSUBJETIVIDADE EM SARTRE:
O ENCONTRO COM O OUTRO NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES**

Juiz de Fora
2022

ADRIANO SANTOS DE OLIVEIRA

**A INTERSUBJETIVIDADE EM SARTRE:
O ENCONTRO COM O OUTRO NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Robione Antonio Landim

Juiz de Fora
2022

OLIVEIRA, Adriano Santos de. **A INTERSUBJETIVIDADE EM SARTRE: O ENCONTRO COM O OUTRO NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robione Antonio Landim (UniAcademia)
Orientador

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Dedico este trabalho a Deus, que me amparou e fortaleceu com sua graça, e a minha família, por todo apoio e incentivo a mim oferecidos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em seu amor e misericórdia, fortaleceu-me para a realização de mais esta etapa, dando-me perseverança e saúde para que pudesse chegar até aqui auxiliado por tantas pessoas.

À Nossa Senhora, Sede da Sabedoria, que esteve ao meu lado em todos os momentos com a sua presença materna, não me deixando desanimar diante das dificuldades surgidas no caminho.

Agradeço de modo especial a meus pais, José Carlos e Aparecida, que sempre me apoiaram e incentivaram, não medindo esforços para estarem sempre comigo, instruindo e me tornando uma pessoa melhor.

À minha irmã Aline, por toda sua dedicação e companhia, ajudando-me sempre com sua amizade.

Aos meus amigos, que trilharam este caminho junto comigo, e aos que mesmo de longe me acompanharam com suas orações e incentivo.

Ao orientador Prof. Dr. Robione Antonio Landim, sempre disponível e atencioso em minhas dúvidas, ajudando-me na melhor compreensão dos temas, no desenvolvimento do trabalho e a fazer o melhor possível com esforço e dedicação.

Aos professores Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira e Dra. Mabel Salgado Pereira, pelas considerações e instruções para este trabalho.

Aos professores do curso de Filosofia, que deram sempre o melhor de si na árdua e desafiadora tarefa de educar e formar, e na pessoa de cada um deles, ao Centro Universitário Academia pela sua competência e ensino oferecido.

Ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, por me possibilitar dar significativos passos no caminho de minha formação.

Ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira e aos padres do conselho de formação, meus sinceros agradecimentos.

Nenhum de nós pode se salvar sozinho. Temos de nos perder juntos, ou nos desembaraçar juntos.
Jean-Paul Sartre

RESUMO

OLIVEIRA, Adriano Santos de. **A INTERSUBJETIVIDADE EM SARTRE: O ENCONTRO COM O OUTRO NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES.** 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2022.

A intersubjetividade tem lugar de destaque na filosofia de Sartre, e no presente trabalho nos dedicaremos ao seu estudo através da análise da peça **Entre Quatro Paredes**. Neste texto, o encontro com o outro é marcado por uma relação tensa e conflituosa, conduzindo à célebre afirmação segundo a qual o inferno são os outros. A razão dessa contenda passa pelo olhar do outro. Quando o sujeito é visto por alguém, ele é objetificado e definido, e mudanças essenciais acontecem em suas estruturas. Ser visto revela não apenas que o outro tolhe a minha liberdade, mas também que é por ele que consigo me conhecer. As reações diante do olhar do outro são múltiplas, entre as quais destacam-se a fuga, a indiferença e a contradição. Todas elas surgem como tentativas de permanecer ileso ao inferno da alteridade, o que não se concretiza. Apesar de todo conflito e incômodo causados pelo outro, é impossível livrar-se dele, pois o nosso encontro com o outro é constituído por essa tensão.

Palavras-chave: Sartre. Outro. Olhar. Intersubjetividade. Conflito.

ABSTRACT

Intersubjectivity has a prominent place in Sartre's philosophy, and in this present work we will develop the theme of how it is established from the play **Entre Quatro Paredes**. In this text, the encounter with the other is marked by a tense and conflicting relationship, leading to the famous statement that hell is other people. The reason for this strife passes through the eyes of the other. We will see that when the subject is seen by someone, he is objectified and defined, and essential changes take place in his structures. Being seen reveals not only that the other hinders my freedom, but also that it is through him that I get to know myself. Reactions to the other's gaze are multiple, among which escape, indifference and contradiction stand out. All of them appear as attempts to remain unharmed to the hell of alterity, which does not materialize. Despite all the conflict and discomfort caused by the other, it is impossible to get rid of it, because our encounter with the other is constituted by this tension.

Key-words: Sartre. Other. Looking. Intersubjectivity. Conflict.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O SER PARA-SI E SUAS ESTRUTURAS	12
2.1 A FENOMENOLOGIA E A BUSCA PELO SER	12
2.2 AS DUAS FORMAS DE SER NO MUNDO	14
2.3 AS ESTRUTURAS IMEDIATAS DO PARA-SI	16
3 A INTERSUBJETIVIDADE NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES	23
3.1 UMA NOVA ESTRUTURA: SER PARA-OUTRO	23
3.2 CONFLITO E INCÔMODO NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES	28
3.3 O INFERNO SÃO OS OUTROS	32
4 JOSEPH GARCIN: COVARDE OU HERÓI?	35
4.1 COVARDIA E FUGA	37
4.2 A INDIFERENÇA FRENTE AO OLHAR DO OUTRO	39
4.3 A CONTRADIÇÃO PERANTE O OUTRO	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre (1905-1980), filósofo francês, é um dos importantes nomes ligados ao Existencialismo. Esse termo refere-se a um grupo de correntes filosóficas que possuem em comum a análise da existência, compreendida por elas como o "modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada *situação*, analisável em termos de *possibilidade*. A análise existencial é [...] a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se" (ABBAGNANO, 2007, p. 402, grifo do autor). Para essa corrente filosófica, existir consiste em relacionar-se com as coisas, com o mundo e também com o outro. Tais relações, enquanto sendo não necessárias, apresentam-se como possibilidades. O Existencialismo encara o homem como marcado pela finitude, existindo por si mesmo, estando lançado aos acontecimentos, sem se valer de algo ou alguém que o proteja e respalde.

Partindo dessas ideias centrais, formaram-se diferentes tendências existencialistas, distinguindo-se pelo significado atribuído à possibilidade própria do agir do homem. Segundo Abbagnano (2007), três tendências se destacam: Primeiro, a da impossibilidade do possível, cuja interpretação Sartre adota. Apresenta como possibilidade última da realidade humana o projeto fundamental em que se colocam todas as ações e volições do homem, marcado por uma liberdade total. A segunda, a da necessidade do possível, considera as possibilidades humanas reduzidas às potencialidades, na medida em que estas se vinculam a uma realidade absoluta, recebendo garantia infalível de realização. Por fim, a possibilidade do possível, que interpreta que a possibilidade não conduz à realização infalível, nem à impossibilidade, mas deve permanecer como tal.

Como já acenado, Sartre apresenta o homem enquanto liberdade, responsável por si e suas escolhas, e como uma consciência marcada pela incompletude, não possuindo uma essência pronta que o constitua. Na sua análise da consciência enquanto subjetividade, não é possível, no entanto, fugir da relação com o outro, visto que não somos seres isolados e solitários.

O outro é tido como responsável pela constituição do sujeito, constituição que se dá por meio do olhar, pela experiência de ser visto, fazendo com que ocorram mudanças estruturais no sujeito que é abarcado por esse olhar (SARTRE, 2011). No entanto, sendo mútua essa relação, aquele que é visto também tem a possibilidade

de objetificar o outro com seu olhar. Diante deste cenário, o homem, apresentado inicialmente enquanto ser Para-si, reconhece-se como portador de uma nova estrutura que lhe pertence mas lhe é conferida pelo outro, a estrutura de ser também Para-outro.

O objetivo geral do presente trabalho consiste em, à luz da filosofia sartreana, pesquisar como se dá a relação intersubjetiva na peça **Entre Quatro Paredes**. Essa obra foi escrita em 1944 e reflete o pensamento do filósofo acerca do outro, da alteridade. A relação intersubjetiva é evidenciada nessa peça através das três personagens que a compõem, Estelle, Inês e Garcin. Por esta razão, nos dedicaremos à análise do texto, cuja escrita é desenvolvida em forma de peça teatral e na qual Sartre apresenta de forma fenomenológica, o conflito que atravessa o encontro com o outro.

A problemática, fio condutor e que despertou o desejo para a elaboração da pesquisa, é a seguinte: como se estabelece a relação intersubjetiva na peça **Entre Quatro Paredes**?

A hipótese que este trabalho tomou é que a relação com o outro é marcada por incômodos e conflitos irreparáveis. Não obstante, a intersubjetividade é fundamental para que o sujeito se conheça. Aquele que é visto é definido e tem sua liberdade posta sobre o domínio do outro, mas é o olhar do outro que lhe permite também captar as suas estruturas.

O método usado nesta pesquisa é de acompanhar a narração da peça, através da qual nos depararemos com a condenação das três personagens ao inferno. Estas são obrigadas a permanecerem reclusas por toda a eternidade, tendo umas nas outras como uma fonte de tortura e como um espelho a refletir a imagem do outro que é visto. Essa convivência tensa e conflituosa acaba por conduzir à compreensão de que o inferno não consiste em fogo, carrascos, grelhas e outros tormentos como é comum imaginá-lo; mas sim, no outro.

Para a elaboração deste trabalho de pesquisa, foram utilizadas obras de Sartre e alguns comentadores que ajudaram na explanação do tema. Destacam-se: **Entre Quatro Paredes**, de Sartre (1977), como obra principal. Além dela, lançou-se mão da obra **O Ser e o Nada** de Sartre (2011), pois a peça reflete os conceitos e ideias desenvolvidos pelo autor nesta sua famosa obra.

Dentre as obras dos comentadores, importantes para o esclarecimento e maior compreensão do pensamento sartreano, destacamos a produção **Sartre:**

Metafísica e Existencialismo, de Bornheim (2011), que com uma linguagem clara e de fácil compreensão auxiliou no diálogo entre a obra principal e as ideias de Sartre.

O livro **Existência e liberdade**: Uma introdução à filosofia de Sartre, de Perdigão (1995), também apresentou de forma clara as ideias da filosofia do autor. As demais obras, artigos e dissertações, que foram tomadas como base para as citações e pesquisa, podem ser verificadas ao longo do texto e na lista de referências ao fim do trabalho.

A justificativa para a temática escolhida baseia-se em apresentar nesta pesquisa um olhar mais atento sobre o outro em uma sociedade que tende cada vez mais ao individualismo e à indiferença. A abordagem que a pesquisa propõe sobre o tema visa contribuir para uma reflexão sobre como o outro impacta a existência, buscando tornar mais ampla a ideia de que o outro é necessário, embora possa ser conflitante sua presença e seu olhar. Buscou-se ainda neste estudo, através da peça escolhida e de seus personagens, especialmente em Garcin, destacado na última seção, consolidar a ideia de que somos seres relacionáveis, que apesar de consciências particulares, estruturalmente somos também conduzidos aos outros.

Para que o objetivo proposto seja alcançado com êxito, é preciso estabelecer um caminho a ser percorrido ao longo da pesquisa. Para tal, o trabalho está dividido da seguinte forma: após a introdução, na segunda seção, serão apresentadas as possíveis formas de ser no mundo na perspectiva de Sartre, evidenciando o ser Para-si e suas estruturas. Em seguida, introduziremos a obra principal, a peça **Entre Quatro Paredes**, analisando como a relação intersubjetiva é estabelecida em seu enredo por meio de uma visão geral da mesma. Finalmente, na quarta seção, destacaremos uma das personagens que compõe a peça, Joseph Garcin. Neste momento elencaremos algumas peculiaridades que nos ajudarão a traçar seu perfil e entender melhor a temática da intersubjetividade que perpassa a peça seguindo os seus passos e segundo a sua visão.

Não podemos, no entanto, iniciar a pesquisa diretamente pela peça, sem antes apresentarmos alguns conceitos que são essenciais à Sartre na sua filosofia, como o ser Em-si e o Para-si, bem como as suas estruturas próprias. Nos dedicaremos a apresentar tais conceitos a seguir.

2 O SER PARA-SI E SUAS ESTRUTURAS

Propomos apresentar como se estabelece a relação com o outro a partir de uma peça de teatro escrita por Sartre em 1944, denominada **Entre Quatro Paredes**. Simples, com poucas personagens e tratando de forma inusitada e com certo humor a questão da intersubjetividade, a peça deixou como marca a famosa sentença de que “o inferno são os outros” (SARTRE, 1977, p. 98). Para se entender o significado dessa expressão e a realidade que transcorre no percurso da obra, é necessário nos dedicarmos àquilo que a filosofia sartreana tomou como fundamental e ponto de partida, que é a consciência; e como, a partir da fenomenologia, desenvolve a investigação sobre o ser do fenômeno, o que culminará nas noções de ser Em-si e Para-si, indispensáveis para a compreensão da peça que abordaremos na seção próxima. Afinal, como entender o conflito entre as consciências sem antes entender suas estruturas e como o ser se manifesta em suas formas?

Notaremos na representação seu profundo caráter fenomenológico, já que o autor toma como objeto de sua análise a concretude dos fatos, a realidade tal como se revela, não transportando-se a questões metafísicas e imanentes. É através do outro e da sua existência que se desdobrarão os acontecimentos entre as personagens e suas relações mútuas.

2.1 A FENOMENOLOGIA E A BUSCA PELO SER

Em sua obra mestra, **O Ser e o Nada**, já no início de suas considerações, Sartre (2011) reconhece o avanço realizado pelo pensamento moderno ao buscar suprimir alguns dualismos que representavam certo embaraço à filosofia, como ato e potência, essência e aparência, entre outros, reduzindo o existente às aparições que o manifestam. Deixar de lado tais dualismos teria como consequência aquilo que seria a aspiração primeira da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), em quem Sartre se inspira, que é ir as coisas mesmas tais como são, a captação do fenômeno como ele se revela.

O que Sartre considera, portanto, é que não há nada por detrás do fenômeno, sendo este reduzido de forma absoluta a seu aparecimento, não escondendo um ser que fosse este o verdadeiro, de tal modo que, "o que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela como é. Pode ser estudado e descrito como tal,

porque é absolutamente indicativo de si mesmo" (SARTRE, 2011, p. 16). Apesar de abandonar os dualismos que pudessem encobrir a realidade do fenômeno, Sartre mantém em seu pensamento, como influência da filosofia cartesiana, a dicotomia sujeito-objeto, porque se o fenômeno é considerado o que aparece, deve se considerar também a quem aparece, sendo o fenômeno aquilo que aparece à consciência.

Tal como René Descartes (1596-1650), Sartre também parte do *cógitó*, porém com consideráveis diferenças em relação ao pensador. Se este o considerava num plano intelectual, Sartre por sua vez confere ao *cógitó* um aspecto existencial. Apesar de partir da base cartesiana, Sartre inspira-se em Martin Heidegger (1889-1976) ao aceitar a ideia do homem como ser-no-mundo, o que implica que a consciência não será tomada enquanto fechada e limitada em si mesma, mas é alargada ao âmbito da concretude da existência humana. Segundo Bornheim, estudioso e comentador de Sartre, "é admitindo a ideia de mundo que Sartre consegue atribuir ao *cógitó* uma dimensão existencial que não se encontra em Descartes" (BORNHEIM, 2011, p. 19, grifo do autor). Outro aspecto pelo qual se diferencia de Descartes ao tratar o *cógitó*, se deve ao fato de que Sartre desenvolve toda a sua análise no campo fenomenológico, no mundo onde se dão os fenômenos, sem transportá-lo à imanência tal qual Descartes.

Analisando o fenômeno, Sartre irá questionar-se sobre o ser mesmo do fenômeno que se mostra. Para tal, permanece inspirado pela fenomenologia de Husserl, considerando a forma pela qual este conceituou a consciência: "Toda consciência, mostrou Husserl, é consciência de alguma coisa" (SARTRE, 2011, p.22). Este aspecto da intencionalidade da consciência atesta que esta é marcada por um vazio, uma ausência de conteúdo, que a impossibilita de ser fundamento de qualquer coisa, sendo característica sua a busca por fundamento, lançando-se para aquilo que não é ela. Sartre continua ainda sua investigação acerca do ser do fenômeno, evitando os extremos do idealismo e do realismo. Opondo-se ao idealismo, pauta a sua busca pelo ser de forma ontológica, sem subordinar o fenômeno de ser à primazia do conhecimento, e discordando do realismo, não considera a consciência como sendo uma coisa no mundo em meio a outras coisas, fechada em si mesma e indiferente àquilo que se manifesta. Desviando-se desses pólos, Sartre sustenta que o ser do fenômeno é o que ele é em si mesmo, e:

A consciência é consciência de alguma coisa: Significa que a transcendência é estrutura constitutiva da consciência, quer dizer, a consciência nasce tendo por objeto um ser que ela não é. Chamamos isso de prova ontológica. [...] Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa significa que não existe ser para a consciência fora dessa necessidade precisa de ser intuição reveladora de alguma coisa, quer dizer, um ser transcendente (SARTRE, 2011, p. 34).

O que quer dizer-nos, portanto, esta prova ontológica de Sartre? Que a consciência humana remete-nos a um outro ser que não ela mesma, sendo sua própria estrutura que nos conduz ao ser do fenômeno. Nosso autor foi levado através de suas investigações, portanto, a atestar o ser do fenômeno como aquilo mesmo que ele é, opondo-se à consciência a qual aparece. Tais argumentações permitem-nos concluir que o ser do fenômeno, não concebido na consciência, é Em-si, e a consciência não está alheia como uma coisa entre as coisas.

Sartre, através de suas argumentações, alcança a determinação do ser do fenômeno tão somente de modo negativo (BORNHEIM, 2011), já que esta determinação é estabelecida pela consciência, que é uma aparência absoluta, enquanto o aparecimento do fenômeno repousa na plenitude do ser. A pergunta pelo ser do fenômeno, portanto, levou-nos à consciência como sendo "Um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão o seu ser enquanto este ser implica outro ser que não si mesmo" (SARTRE, 2011, p. 35).

As considerações e diferenças apontadas entre ser do fenômeno e consciência se manifestam de forma mais explícita nas definições formuladas por Sartre de ser Em-si e ser Para-si, que conceituaremos a seguir.

2.2 AS DUAS FORMAS DE SER NO MUNDO

Partindo da sua fenomenologia, Sartre faz a análise de duas distintas e possíveis formas de ser no mundo, a saber: O ser Em-si e o ser Para-si, sendo preciso conceituá-las e bem compreendê-las, tendo em vista que tais definições são fundamentais ao dedicarmos-nos ao estudo de seu pensamento.

O Em-si é apresentado como sendo o oposto da consciência, o ser do fenômeno assim como aparece-nos. É tudo que se mostra à consciência diferenciando-se dela. É ainda o ser em sua plenitude completa, bastando-se a si mesmo. Para desenvolver sua teoria sobre o Em-si, Sartre lança mão das seguintes

frases, que comportam cada uma determinada especificidade do ser e que nos ajudam a melhor compreendê-lo: "O ser é. O ser é em-si. O ser é o que é" (SARTRE, 2011, p. 40).

O que essas frases-síntese nos revelam sobre o ser? Revelam-nos que o ser é perfeito, se basta, não está sujeito a noções humanas como passividade e atividade. Não é ativo nem passivo porque sua consistência está além, sendo essas características próprias ao agir do homem e aos meios que emprega (SARTRE, 2011). Está igualmente além de qualquer afirmação ou negação.

Dizer que o ser é Em-si evidencia também que ele não remete a si, mas ele é este si, que diferentemente da consciência é pleno de si mesmo. É incriado, o que não nos permite, no entanto, postular que ele próprio seja seu criador.

O ser é o que ele é. Quanto à última afirmação, Sartre (2011) reforça o aspecto de que o Em-si é fechado em si mesmo, não se projeta para fora como faz a consciência, sendo ele opaco e sem a menor abertura. Acerca dessa afirmação sobre o ser, evidencia-se que:

O Em-si é absolutamente idêntico a si mesmo. Desse modo, o princípio de identidade passa a ter um caráter como que "regional" e aplica-se de um modo absoluto ao em-si - apenas ao em-si. O outro reino, o humano, não é; muito mais, deve ser, busca ser. A identidade do em-si indica antes de tudo sua opacidade [...] O ser não tem segredo, apresenta-se como realidade maciça, e nesse sentido constitui uma síntese absoluta, a mais absoluta que se possa imaginar. Permanece totalmente isolado em seu ser e não tem possibilidade de manter qualquer relação com o que não seja ele mesmo (BORNHEIM, 2011, p. 34, grifo do autor).

Portanto, o Ser Em-si não está voltado à relação intersubjetiva, sendo si mesmo na sua opacidade e não sendo possível o conhecimento de quaisquer de suas estruturas internas dada a sua inacessibilidade. Neste sentido, podemos afirmar que ele desconhece a alteridade, já que não faz a experiência de se confrontar com o outro, mas está mergulhado em si mesmo. Quem nos permitirá realizar a abordagem do encontro com outro, onde desejamos chegar, é o ser Para-si.

O Em-si, não sendo este ser relacionável, possui unicamente como atributo o aparecer à consciência, revelando-se como "Uno e maciço, o ser está fechado em si, sendo incapaz de estabelecer qualquer relação consigo mesmo. Devemos compreendê-lo como pura *positividade*: O ser é o que é, nada além disso" (PERDIGÃO, 1995, p. 36, grifo do autor).

Contrastando-se a este ser pleno e absoluto em si mesmo, detenhamo-nos agora na análise do Para-si, este que é apresentado como sendo a consciência que se opõe àquilo que dela se difere, opõe-se ao Em-si, mas tende a ele. É o ser Para-si que nos conduzirá ao tema da intersubjetividade, visto que ele que se deparará com os impactos causados pela presença de alguém que o olha e o constitui. Em contraposição à rigidez do ser do fenômeno, o Para-si permite-nos conhecermos suas estruturas e se relaciona com o outro, não lhe sendo possível escapar da relação com outras consciências, por mais conflitante e tensa que tal relação possa se afigurar.

Embora se diferencie do ser, o Para-si se relaciona com o Em-si, está voltado a ele. A consciência não encontra seu fundamento em si mesma, não possui uma essência pronta que a defina e constitua, sendo por isso caracterizada por incompletude e busca por fundamentação. O ser Para-si relaciona-se diretamente ao humano, que "é o ente que emerge do seio do ser para deixar no ser de sua origem um hiato, uma fenda que tenta, durante a existência humana, ser cindida" (SANTOS, 2011, p. 50). As estruturas do Para-si o caracterizam nesta sua constante tentativa de cindir essa fissura que perpassa seu ser. Tais estruturas analisamos abaixo.

2.3 AS ESTRUTURAS IMEDIATAS DO PARA-SI

De acordo com Sartre (2011), as estruturas do Para-si são as seguintes: Presença a si, a facticidade, o ser do valor e o ser dos possíveis e o circuito da ipseidade¹.

A presença a si é a primeira característica estruturante do Para-si que Sartre apresenta na sua obra principal **O Ser e o Nada**. Essa presença a si, de acordo com o autor, requer um rompimento do ser com relação a si, e ainda "se o Ser é presença a si, significa que não é inteiramente si" (SARTRE, 2011, p. 126). Essa estrutura primeira traz como fundamento uma distância e separação. A consciência toma distância do mundo para presenciá-lo. Está no mundo, contudo não tem uma identificação plena e total com ele. Ocorre como se o Ser, perdendo sua solidez, tivesse aberta uma fissura que o separa de si, uma descompressão, impedindo de coincidir-se consigo e distanciando-se para outro lugar que não o de seu eterno

¹ Termo que faz referência a "[...] singularidade da coisa individual. Deriva do latim *ipse*: 'si próprio', 'a pessoa'" (PERDIGÃO, 1995, p. 77, grifo do autor).

repouso (PERDIGÃO, 1995). Ao se fazer consciência, perde-se enquanto plenitude e positividade, não sendo mais inteiramente si, mas configurando-se como distância. Mas como entender essa separação e fissura interna? Quem a realiza? Sartre afirma que é o Nada:

O ser da consciência, enquanto consciência, consiste em existir à distância de si como presença a si, e essa distância nula que o ser traz em seu ser é o Nada. Logo, para que exista um 'si', é preciso que a unidade deste ser comporte seu próprio nada como nadificação do idêntico [...] O Para-si é o ser que se determina a existir na medida em que não pode coincidir consigo mesmo (SARTRE, 2011, p. 127, grifo do autor).

Logo, esta distância que o ser traz em seu ser não pode ser tomada como uma distância física, é uma distância constituída de nada, de modo que nada separa a consciência de si. O Nada é marcado por uma negação, é reconhecido enquanto não sendo, fazendo com que o Para-si não seja pleno, mas sim negação, marcado por negatividade. O fato de não poder coincidir consigo mesmo é o que caracteriza e determina a existência do ser Para-si. Deste modo, "Contaminado pelo Nada, o Para-si apresenta-se, ao contrário do Em-si, como plena *negatividade*. O Para-si é o Nada que invade o ser e provoca a abertura no seu miolo" (PERDIGÃO, 1995, p. 40, grifo do autor).

Mesmo existindo essa separação e distância entre a consciência e o ser através do Nada, o Para-si, já reconhecido enquanto negatividade, não pode ser entendido enquanto independente do Em-si. Se ele é uma negação do ser, essa negação se dá porque ele não se reconhece pleno e fechado como o Em-si é. Este não precisa do Para-si em sua plenitude, já o Para-si está profundamente ligado ao ser. Se ele é Para-si, só é assim porque se nega a ser Em-si. Sua característica é de ser nadificação, sendo o nada como "um buraco no ser, essa queda do Em-si rumo a si pela qual se constitui o Para-si" (SARTRE, 2011, p. 127).

Sartre denomina ato ontológico esse ato contínuo onde há a degeneração do Em-si em presença a si e reitera que é por meio do nada que o ser coloca o seu próprio ser em questão. Assim sendo, o nada é que fundamenta essa presença a si que é apresentada como primeira estrutura.

A segunda estrutura constituinte do Para-si, elencada por Sartre, é a facticidade. Essa facticidade revela o homem enquanto um ser que está lançado e abandonado no mundo, sendo o seu modo de ser expresso enquanto pura

contingência. Mas o que significa essa contingência? Ele é contingente no sentido de que para ele pode-se perguntar o porquê de ser assim e não de outro modo, não sendo ele fundamento de sua presença no mundo.

É próprio e característico do Para-si a autoassimilação do ser como falta de um fundamento, e é justamente isso que fica evidenciado nesta segunda estrutura: o fundamento do Para-si. O homem é aquele que, por não ter uma essência pronta e definida, vive a perseguir um fundamento, e nessa busca que realiza se constrói. E é no Nada que encontra essa fundamentação, de tal modo que "Vale dizer que se o homem não consegue repousar em nada, ele se autofundamenta nessa impossibilidade, e encontra a sua razão de ser no próprio ato de perseguir um fundamento" (BORNHEIM, 2011, p. 57).

A estrutura segunda aponta ainda que um ser que fosse fundamento de si mesmo não poderia conceber a menor diferença e desnível entre o que ele é e o que concebe. Para desenvolver essa ideia da fundamentação da presença, é novamente tomado como base o pensamento cartesiano, no qual o filósofo se reconhece como imperfeito frente ao ato de duvidar. Porém, tem a ideia de perfeição mesmo na impossibilidade de ser perfeito, o que reforça que não é seu próprio fundamento, porque se fosse fundamento de si mesmo, não poderia fazer essa diferenciação entre sua imperfeição e a ideia de perfeição.

Essa diferenciação entre o que é e o que concebe reforça que o Para-si, ser contingente, carece de fundamento. Essa carência por um fundamento o conduz a perseguir um fundamento, encontrar alguma fundamentação, o que não irá se concretizar, porque a falta de fundamentação é dada enquanto condição de possibilidade do Para-si. Se encontrasse fundamento, não seria identificado enquanto tal, mas sim como sendo o que é, e o Para-si possui como lei constituinte, ser um ser que não é o que é e é o que não é (SARTRE, 2011).

Assim é caracterizado pela impossibilidade de fundamentar-se e pela contingência, de modo que a facticidade seja definida como:

Esta contingência perpetuamente evanescente do Em-si que infesta o Para-si e o une ao ser Em-si, sem se deixar captar jamais, é o que chamaremos de facticidade do Para-si. É esta facticidade que nos permite dizer que ele é, que ele existe, embora não possamos jamais alcançá-la e a captamos sempre através do Para-si (SARTRE, 2011, p. 132).

Esta realidade da contingência é ilustrada por Sartre (2011) através de algumas situações que conduzem à ideia de que o homem nesta busca de fundamento vai se construindo. Para ser garçom, por exemplo, o sujeito se constituiria nesta identidade própria do papel que assume, como plena identidade, porém, marcado pela contingência. Mas essa plena identificação com a identidade assumida não ocorre, já que o ser contingente e Em-si sempre se escapa, não sendo possível ser assumido. O esforço do homem para assimilar o Em-si através de uma identidade definida e acabada sempre se frustra, evidenciando o nada do Para-si. É neste sentido que o Para-si é sustentado por essa contingência, que está relacionada com sua facticidade e que deixa claro que o homem só encontra o seu fundamento no nada.

A primeira estrutura, a presença a si, conduziu-nos a esta segunda estrutura da facticidade, que trouxe consigo o aspecto da contingência, própria da realidade humana, que está no mundo como gratuidade, como pura contingência, na busca por fundamento que carece de concretização.

Na terceira estrutura que surge, o Para-si como ser do valor, a contingência é percebida em sua relação com o *cógit*o, tendo em vista que a consciência não é um simples acréscimo ao Para-si, ele é naturalmente consciência. Em contrapartida, o nada revela-se na interioridade mesma do *cógit*o.

O Para-si determina-se a si próprio como sendo falha do ser, determina-se de forma contínua e perpétua a não ser Em-si (SARTRE, 2011). Tal processo autofundante realiza-se simultaneamente a partir do Em-si e contra ele. Porque o Para-si é consciência, vê-se diante da presença inalcançável do Em-si, e sua transcendência está na incompletude (AGUIAR, 2003)

Sartre aponta ainda para aquilo que ele chama de falta, uma privação que evidencia de forma mais clara esta falha do ser. Esta falta é própria do homem, da realidade humana, não sendo manifesta no Em-si. Para ilustrar essa peculiaridade que é própria do homem, o filósofo usa alguns exemplos, como quando se constata que a lua não está cheia. É apenas o homem que pode notar esta sua incompletude, tendo em vista que ele transcende o que lhe aparece rumo à totalidade por ele já conhecida, neste caso, a lua enquanto cheia (SARTRE, 2011).

A realidade humana é marcada por esta privação, e de acordo com Sartre (2011), a realidade humana, responsável para que a falta apareça no mundo, deve ser ela mesma uma falta, porque a falta só pode vir ao ser através da falta, e o Em-si

não pode ser causa de falta no Em-si. Frente a esta falta que a caracteriza, a realidade humana é concebida como uma constante busca por identificação e coincidência consigo que jamais se realiza.

Fruto dessas considerações, Sartre apresenta o conceito de valor, que não poderia ser um ser Em-si, obviamente, já que o "ser do valor enquanto valor é o ser daquilo que não tem ser" (SARTRE, 2011, p. 144). No entanto, de certo modo, o ser pertence ao valor e esse modo provém da realidade humana. O Para-si ao tender a algo, ultrapassa-se a si mesmo, orientando-se para uma totalidade, de tal forma que "O Para-si busca a coincidência com o valor, nessa perspectiva o valor surge como o ser absoluto do 'si' do Para-si, e se apresenta como identidade, pureza, permanência, etc, ou como estabilidade fundante do "si" do Para-si" (BORNHEIM, 2011, p. 60, grifo do autor).

A busca pela conquista da coincidência não obtém êxito, pois o valor não é, ou é um Em-si ausente a perseguir o ser do Para-si. O valor é uma "totalidade faltada rumo à qual um ser se faz ser" (SARTRE, 2011, p. 145) e é voltado para essa totalidade que o Para-si faz-se ser. Ao procurar o ser do valor como se buscasse seu fundamento, isso não se concretiza, já que o valor não é.

Adentrando agora na próxima estrutura, analisamos o Para-si enquanto ser dos possíveis. Vimos que a realidade humana possui uma falta como característica própria sua. Mas falta de quê? O que lhe falta? Justamente uma identificação plena e total consigo, que por mais que possa ser almejada e perseguida, não lhe é possível atingi-la. Cada Para-si reclama uma falta, falta de um Para-si que realizaria a assimilação com o si. Mas este faltante não é concebido enquanto um Para-si diferente do que ele é, exterior, mas é exatamente um Para-si que ele é, este é que lhe falta. Todavia, atingir essa identificação seria o mesmo que vir a tornar-se um Em-si, este que já vimos caracterizado por ser mergulhado numa plena e total identificação consigo mesmo, o que não ocorre. Diante disto, Sartre assim se expressa: "Sou o para-si faltante à maneira de ter-de-ser o para-si que não sou, de modo a me identificar a ele na unidade do si" (SARTRE, 2011, p. 147).

Isso deixa de forma mais clara e evidente o projeto inalcançável do Para-si de identificar-se com este Para-si que ele é, mas não está em sua posse, lhe escapa e lhe falta. Como essas considerações nos conduzirão à definição e ao entendimento dos possíveis? O possível é entendido como o que falta ao Para-si, o faltante próprio de cada um, sendo o fundo em que este se nadifica.

O possível é um dos aspectos da descompressão do ser, ou seja, é uma forma de ser o que é, estando à distância de si. É a falta constituinte do ser Para-si, e sua análise nos guiará por dois caminhos: inicialmente, o possível revela a realidade humana como sendo opção frente a seu ser, apesar de permanecer separada daquilo por que opta, devido ao fato de ser nada; depois, é necessário que a realidade humana seja algo que não ela mesma, estando aberta a um mundo em que o homem mantém-se separado, de forma que:

[...] para que exista possibilidade, é necessário que a realidade humana, na medida em que é si mesmo, seja outra coisa que não si mesmo. Esse possível é este elemento do Para-si que lhe escapa por natureza na medida em que é Para-si. O possível é um novo aspecto da nadificação do Em-si em Para-si (SARTRE, 2011, p. 152).

Entre esses dois caminhos apresentados, o Para-si emerge como sendo problema em seu ser mesmo, projetando-se para fora de si, rumo a um sentido inatingível, o que impede que o possível seja representado meramente como subjetivo.

O ser Em-si não possui possíveis, sendo apenas o Para si que constantemente lança-se além deste e o reclama, na medida em que é marcado pela privação. O Para-si está distanciado da presença a si que lhe escapa, pelo nada, e esta presença do qual se vê privado é o seu próprio possível.

Separado do seu próprio possível pelo nada, o Para-si é presença no mundo, para o qual tende com a intenção de assimilar-se a seu possível. Esse fato nos conduz ao que Sartre chama de circuito da ipseidade, que é justamente esta relação de projeção do Para-si rumo ao possível que é. Emerge então o questionamento sobre a ipseidade, e como compreendê-la. As estruturas até então descritas nos trouxeram a sua culminância.

A explanação sobre as estruturas do ser Para-si conclui-se com o circuito da ipseidade. Tal questão é abordada inserindo a temática do ego transcendental, postulando que este não poderia estar ao domínio do Para-si, mas seria mais um Em-si. Sendo a ipseidade expressão do individual, não coincide ela com uma suposta aparição do ego transcendental (BORNHEIM, 2011), mas tem como fundamento o que Sartre denomina como circuito, que pressupõe a intencionalidade da consciência para ser compreendido. Tal circuito une pessoa e mundo, de tal forma que "Assim, o mundo é *meu* por natureza, na medida em que é correlato Em-

si do nada, ou seja, do obstáculo necessário para além do qual me reencontro como aquilo que sou sob a forma de ter de sê-lo" (SARTRE, 2011, p. 157, grifo do autor). Essa relação propõe que sem mundo não há ipseidade, e sem ipseidade não há mundo, sendo o mundo "aquilo a partir do qual a realidade humana se faz anunciar o que é" (AGUIAR, 2003, p. 42).

Ao discutir sobre a ipseidade, Sartre a reposiciona identificando-a como circuito e busca sua compreensão a partir da intencionalidade. É a consciência na sua ipseidade que possibilita a aparição do Ego enquanto fenômeno transcendente, e a totalidade do existente, o mundo, é perpassada pelo circuito da ipseidade. Em outras palavras, atravessada pelo Para-si, que atrás de um possível que lhe escapa, reduz de forma contínua o si ao Para-si. A consciência frente ao mundo busca coincidir com o Para-si que é, e que é consciência do mundo, e o mundo pertence à pessoa na medida em que está infestado por possíveis, e a consciência de cada um deles "é um possível (de) si que eu sou; esses possíveis de si enquanto tais, é que conferem ao mundo sua unidade e seu sentido de mundo" (SARTRE, 2011, p. 157, grifo do autor).

As estruturas apresentadas serviram-nos como ponto de partida para que possamos adentrar o campo da intersubjetividade, pois a consciência aqui analisada, se depara com outras consciências. O Para-si é, portanto, também Para-outro. Essa nova estrutura será abordada a partir da peça **Entre Quatro Paredes**. Nela abordaremos a relação com o Outro de forma descritiva, destacando os conflitos e incômodos ocasionados por aquele que, sendo outro Para-si, com as mesmas estruturas, possui o poder de objetificar através de seu olhar.

3 A INTERSUBJETIVIDADE NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES

Após termos nos dedicado à apresentação da consciência, diferenciando-a do ser Em-si e elencando as estruturas imediatas, atentamo-nos para uma nova estrutura que surge, o ser Para-outro. Este não está fechado em si mesmo, mas encontra-se aberto à relação intersubjetiva, que tematizaremos nesta segunda seção, tomando como base a peça **Entre Quatro Paredes** (*Huis clos*, no original).

Escrita em 1944, um ano após a publicação de **O Ser e o Nada**, inicialmente era chamada de **Os Outros**. Sartre ao escrevê-la põe em prática seu desejo de produzir um drama desenvolvido em um único cenário e com poucas personagens. Inicialmente, tinha a ideia de narrar a situação de três pessoas presas num porão em meio a um bombardeio, mas preferiu dar vida a uma situação mais drástica, descrevendo o destino das três personagens no atípico inferno da alteridade, refletindo, desta forma, uma total consonância com sua obra anterior, ou seja, a ideia de que o conflito é a base das relações entre as consciências (ALMEIDA, 1977).

A aparição do outro no mundo do sujeito está fundamentada no conflito e no incômodo de ser visto e objetificado por meio do olhar que este lhe dirige. No entanto, aquele que é visto também tem a possibilidade de retribuir ao outro o olhar, tornando-se assim sujeito e objetificando também. Nessa mútua relação, "Sartre identifica dois modos básicos nos quais encontramos os Outros: como objetos e como sujeitos; como 'olhados' ou como 'olhando' [...]" (MORRIS, 2009, p. 156, grifo do autor). Este encontro com o outro e seu olhar será fonte de tensão e conflito, e esta nova estrutura da consciência levar-nos-á à peça supracitada como forma de ilustrar a desafiante relação intersubjetiva.

3.1 UMA NOVA ESTRUTURA: SER PARA-OUTRO

A existência do outro e de consciências alheias é um fato que não se pode negar, visto que não nos encontramos sozinhos no mundo, mas somos seres relacionais, Para-outro. Essa existência do outro apresenta-se como um dado imediato, tendo em vista que "[...] apenas sei, sem a menor dúvida, que esses corpos alheios que se movem não são meros objetos, robôs ou imagens criadas por mim. É tão absoluta essa certeza quanto a certeza que possuo da minha própria

existência" (PERDIGÃO, 1995, p. 137). Porém, como essa convicção pode estar fundamentada?

A filosofia de Sartre responde a essa questão fazendo inicialmente uma análise das doutrinas tradicionais, o realismo e o idealismo, acerca de como o outro foi abordado por elas. Nesse exame, ele argumenta que tais compreensões não trataram o tema da intersubjetividade de forma adequada, pois a abordagem que elas fazem acerca do outro baseia-se no modelo sujeito-objeto, de tal modo que sob o prisma dessas teorias, o outro é reduzido a mero objeto a ser conhecido, a um corpo com dadas características, determinada classe e portador de tal aparência. O filósofo francês mostra-se insatisfeito diante dessas abordagens, reconhecendo-as como insuficientes e limitantes na medida em que não reconhecem o outro enquanto outra consciência, como sendo Para-si, portador das estruturas já apresentadas anteriormente e têm como decorrência fatal o solipsismo² (BORNHEIM, 2011). Desembocam no solipsismo porque tais teorias olham o outro apenas como uma substância pensante ou uma ideia certa, mas não levam em conta a forma como este atinge e impacta de fato a consciência, afetando-a concretamente, sendo fonte de conflito e incômodo.

O realismo, na visão de Sartre, nunca considerou a problemática do outro. Os realistas, ao aceitarem tudo como dado, concebem também este nessa mesma condição, como real e distinto. Para os realistas, o outro possui a mesma essência que o sujeito, uma substância pensante que não se mistura com as qualidades secundárias. O outro é visto numa relação mútua de conhecimento com as demais substâncias pensantes. O problema do realismo, segundo o filósofo francês, consiste em que este não observa que entre as consciências existem os corpos. Ele apreende a existência do outro como certa, embora essa presença não seja tão evidente à consciência. Não é tão evidente por quê? Porque havendo uma separação das almas por seus corpos, não é possível conceber alguma presença imediata de uma à outra. Porém, o realismo nos conduz ao idealismo porque, já que os realistas tomam a existência do outro como certa, "o conhecimento se dá por analogia com o que sei de mim mesmo. Portanto, na perspectiva realista a existência do outro é convertida em pura representação. Logo, o realismo nos conduz ao idealismo, pois o outro é minha representação" (LANDIM, 2019, p. 20).

² Termo que faz referência a "Tese de que só eu existo e de que todos os outros entes (homens e coisas) são apenas ideias minhas" (ABBAGNANO, 2007, p. 918).

No campo da teoria idealista, encontramos com a visão de Immanuel Kant (1724-1804), que, de acordo com Sartre (2011), oferece pouca ajuda ao problema, pois estabelece as leis universais da subjetividade como sendo gerais para todos, mas não considera a questão das pessoas. O pensador idealista, ao desenvolver a noção de sujeito, contempla apenas uma essência comum, e não insere nessa noção o outro. O caminho feito por Sartre se distancia ainda do idealismo ao defender que o outro não é um objeto que poderia ou não, *a posteriori*, ser conhecido. O outro não é somente aquele que o Para-si vê, mas aquele pelo qual ele é visto.

Antes de enfatizar o outro e seu olhar, Sartre ainda averigua as teorias modernas mostrando que estas também tematizam a intersubjetividade partindo do conhecimento. São elencadas por Sartre (2011) como modernas as teorias de Husserl, Hegel e Heidegger.³

Husserl pensou ter conseguido dirimir a questão e ter deixado o solipsismo ao destacar o outro enquanto condição necessária para a constituição do mundo, mas ainda é acompanhado pelo problema, já que não foi capaz de provar que "[...] minha consciência transcendental, em seu próprio ser, é atingida pela existência extramundana de outras consciências do mesmo tipo" (SARTRE, 2011, p. 305-306). Ou seja, não provou que a consciência em sua própria estrutura é impactada pela existência do outro. Provar esse fato ajudaria a superar o solipsismo na medida em que tal impacto revela a relação com o o outro enquanto originária e interna, sendo o sujeito determinado por intermédio do outro. Isso revela que o outro não é simplesmente uma ideia, como postula o solipsismo, mas alguém que de fato, determina o sujeito.

Hegel, por sua vez, efetua um progresso em relação à Husserl ao apresentar o outro como mediador, e sua intuição genial é "fazer-me dependente do outro *em meu ser*" (SARTRE, 2011, p.308, grifo do autor). Ou seja, o outro é apresentado como aquele que penetra o âmago do Para-si e o constitui. Porém, a análise de Hegel continua adepta da concepção do conhecimento-objeto, pois ele "nem concebe que possa haver um ser-para-outro que não seja redutível a um ser-objeto"

³ Não é função da presente pesquisa desenvolver detalhadamente o caminho percorrido por tais pensadores, nosso objetivo limita-se apenas dentro do tema proposto evidenciar que Sartre não se detém nas teorias dos mesmos ao tratar a temática do outro.

(SARTRE, 2011, p. 309). Em suma, para Hegel o outro também se apresenta limitado ao problema do conhecimento.

Heidegger, por fim, supera a perspectiva do conhecimento, mas ainda lhe falta explicitar o fundamento da relação intersubjetiva, pois "[...] o esforço de Heidegger orienta-se para a superação do subjetivismo em qualquer de suas dimensões. Sartre, pelo contrário, reinstala a consideração da interubjetividade no *cógit*o cartesiano" (BORNHEIM, 2011, p. 83).

Então, qual é o avanço realizado por Sartre frente aos pensadores citados? Esse avanço consiste em inserir a ideia de que a busca pelo outro se dá, portanto, na própria consciência. de tal modo que "No mais profundo de mim mesmo devo encontrar, não razões para crer no outro, mas o próprio outro enquanto aquele que eu não sou" (SARTRE, 2011, p. 325). Seu ideal não está em provar a existência do outro, mas consiste em descobri-lo partindo do *cógit*o.

Diante das doutrinas, evidencia-se que não é através da via do conhecimento que se fundamenta a relação intersubjetiva. Se Sartre não se detém nessa via e nas visões daquelas interpretações, o caminho percorrido é reconhecer que "O outro deve fazer parte da minha consciência desde o nascimento, como parte constituinte de meu ser. Há uma predisposição ontológica do Para-si para reconhecer o outro enquanto sujeito" (PERDIGÃO, 1995, p. 38).

A consciência, então, além de Para-si, é originariamente Para-outro. O outro faz parte das estruturas do sujeito, o constitui de tal modo que, a realidade humana requer ser simultaneamente Para-si e Para-outro (SARTRE, 2011). Essa nova estrutura assim é descrita por Sartre:

Sem sair de nossa atitude de descrição reflexiva, podemos encontrar modos de consciência que parecem indicar, mesmo se conservando estritamente Para-si, um tipo de estrutura ontológica radicalmente diverso. Esta estrutura é minha, é de mim mesmo que cuido, e, no entanto, esse cuidado (cura) "para-mim" revela um ser que é meu sem ser-para-mim (SARTRE, 2011, p. 289).

Disso resulta que a relação com o outro perpassa o mais profundo do sujeito e o constitui como um novo modo de ser que suporta novas atribuições e qualificações. É o Para-outro quem o permite apreender certas estruturas de seu ser. Nesta perspectiva, "A minha subjetividade passa pela do outro. Assim sendo,

ele permite descobertas e previsões no âmago de meu sistema de representações” (LANDIM, 2019, p. 21).

Da mesma forma como o Para-si lança-se para fora de si mesmo rumo ao Em-si, esse ato de transcender-se joga-o também ao outro (BORNHEIM, 2011). Este é marcado por concretude, cuja existência não necessita ser provada ou crida, pois o próprio sujeito o descobre em si como parte de suas estruturas, como sendo aquele que ele não é e aquele que o vê. O outro é , mais do que um objeto ou uma ideia, aquele que lhe dirige o olhar.

Essa disposição de ser visto pelo outro revela uma relação de reciprocidade, ao passo que “[...] o outro é um ser *que me vê*, assim como eu o vejo. [...] Sofremos a experiência perpétua de "ser objeto de olhar" porque faz parte do nosso modo de ser original a dimensão de "existir sob o olhar" (PERDIGÃO, 1995, p. 139). Perante este outro e seu olhar, a consciência revela-se enquanto negação interna. De que forma? Na medida em que ela reconhece o outro como sendo uma consciência diversa, que não ela, e é justamente essa negação originária da consciência que permite a experiência com o outro.

Ser alcançado pelo olhar do outro não é uma experiência superficial, mas constitutiva para o sujeito. O olhar do outro, ao ser lançado, faz com que ocorra uma hemorragia interna na consciência (SARTRE, 2011), no sentido de que o ser desta se esvai e é lançado para fora, ocorrendo um escapamento. Se esta era sujeito de seu mundo que organizara ao redor de si, agora esse mundo é desintegrado para reintegrar-se em volta do outro. O outro em sua aparição, toma posse desse mundo que pertencia à consciência, retirando sua centralidade e conferindo-lhe pelo seu olhar um aspecto de Em-si.

A aparição do outro é ilustrada por Sartre (2011), com o exemplo de alguém que espia determinada situação atrás de uma porta, pelo buraco de uma fechadura. Estando só, inicialmente, é pura subjetividade. Mas ao ser ser surpreendido por um outro que chega e lhe olha, o sujeito é objetificado e lançado para fora. Nesta aparição, não é mais pura subjetividade, mas passa a possuir um caráter objetivante. Sente a vergonha pela forma com que aparece ao outro e por ser submetido ao juízo desse outro que o vê.

É o olhar do outro, que apesar de causar incômodo, permite ao sujeito se autoconhecer, revelando dessa maneira uma certa dependência exercida sobre si através da mediação do próximo, tendo em vista que:

Para obter um pensamento objetivo sobre mim, preciso da mediação do Outro. Ele é o intermediário indispensável que remete de mim a mim mesmo. Se eu estivesse sozinho no mundo, jamais teria como me atribuir qualidades. Eu me conheço objetivamente pelos conceitos que o Outro formula sobre mim. Aquilo que sei sobre mim (meu caráter, meu corpo) provém do modo como o Outro me vê (PERDIGÃO, 1995, p. 143).

O papel de intermediário, exercido pelo outro e que revela aquilo que o sujeito é, transparece de modo explícito na peça **Entre Quatro Paredes**. Esse outro que a consciência nega-se ser, que a constrange e aliena, é ele a fonte de tortura. Mas como se dá essa tortura? A obra central desta pesquisa apresenta-a em seu roteiro, como veremos a seguir.

3.2 CONFLITO E INCÔMODO NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES

Em harmonia com os escritos de sua obra mestra, publicada anteriormente, Sartre redige a peça que dá vida à problemática da relação intersubjetiva. Esta, impregnada pelo viés fenomenológico, reflete o encontro com o outro com traços peculiares da fenomenologia, ou seja, partindo da realidade mesma, de situações concretas que constituem o seu enredo.

Mas qual o roteiro do drama e como a alteridade é tematizada por ele afinal? É o que trataremos adiante. Três pessoas são condenadas ao inferno, Garcin, Inês e Estelle. Mas o abismo com que se deparam quebra as suas expectativas e difere-se das visões tradicionais. Não havia carrascos, fogo, gritos e aquelas outras imagens que costumamos associar aos tormentos com os quais os réus se deparariam na condenação eterna. O inferno apresentado pelo autor, distante das teorias e conceitos do senso comum, consiste em ser colocado frente ao outro, ser objeto de seu olhar, dividir com ele a eternidade neste restrito espaço de quatro paredes, o que transparece no título da peça. O primeiro dos três a chegar conduzido pelo criado é Garcin. Após chegar ao local, um salão imperial, tece um comentário sobre os móveis, questiona sobre os quartos, e já formula a pergunta manifesta pelo espanto e com um certo ar de expectativa, sobre onde estariam os instrumentos de tortura e como se daria o sofrimento que lhe restava como um condenado, ao qual o criado responde com ares de admiração e estranheza. Percebe também que não há no local "Nem espelhos, nem janelas, naturalmente. Nada que seja frágil" (SARTRE, 1977, p. 9). Com o tempo, constatarão que o espelho se dará pelo olhar do outro.

Cada um se verá refletido no outro e servirá também como um espelho para que o outro se veja.

Aos poucos vão sendo conduzidas para o local as demais personagens, Inês e Estelle, também levadas pelo criado. Após o espanto e a habitual pergunta sobre a ausência de carrascos e afins, a convivência entre os três no salão que faz as vezes de inferno, torna-se cada vez mais insuportável, e começam a tomar consciência que o inferno nada mais é do que terem que passar a eternidade enclausurados, tendo no outro uma fonte de castigos e sofrimentos. Pequenas situações que vão surgindo são fontes de incômodos e desajustes entre as personagens, como por exemplo um tique que Garcin possui ao movimentar a boca, que irrita profundamente Inês, levando-a a censurá-lo recordando-lhe que não está só e não pode por isso lhe impor o espetáculo de seu medo (SARTRE,1977).

Mas quem de fato são estes três destinados a estarem juntos no inferno que compõe a peça? Garcin, homem letrado e covarde, será destacado na terceira e última seção, na qual analisaremos a partir de sua conduta diante de Inês e Estelle, a tentativa inútil de esquivar-se da realidade da presença do outro que não lhe permite mascarar quem de fato é. Inês, diferentemente de Garcin, não busca cobrir os estragos de suas culpas e as admite sem arrependimento. Ao contrário das outras personagens, não busca encontrar meios que a isentem da realidade que a conduziu ao inferno em que se encontra.

Em diversos momentos da peça, é possível notar traços de sua personalidade, como o sarcasmo ao lidar com as particularidades e sofrimentos de seus companheiros, deixando a relação entre os três ainda mais conflituosa. Trata de forma seca e realista os anseios utópicos dos outros dois de tentarem adquirir uma nova identidade, mesmo diante de seus crimes, através de provocações ásperas, como: "Condenada a santinha. Condenado o herói sem mácula. Tivemos nossos momentos de prazer, não é verdade? Houve pessoas que sofreram por nós até a morte, e isso nos divertia bastante. Agora temos que pagar" (SARTRE,1977, p. 41). Devido a sua homossexualidade, vê Estelle como um alvo e direciona-se a esta com o intuito de receber sua atenção, chegando ao ponto de oferecer-se como um espelho para que ela, através de seus olhos, pudesse satisfazer os caprichos de sua vaidade incontrolável.

Estelle, por sua vez, ignora Inês e pressiona Garcin a cortejá-la, não encontrando nele também refúgio para seus afetos. Vaidosa e soberba, Estelle

apropriou-se de um casamento para alcançar uma vida de classe e confortos, o que a levou ao extremo de matar uma criança que teve com o amante para manter seus interesses.

Apesar da constante tentativa de negar a realidade e reivindicar para si uma outra imagem, as personagens se veem impossibilitadas de fugir de quem realmente são. E como chegam a assimilar sua própria identidade? Sem dúvida, através da mediação realizada pelo outro. Tal relação de dependência indica que "Eu sou, para além de todo conhecimento que possa ter, esse eu que o outro conhece. E esse eu que sou, eu o sou em um mundo que o Outro me alienou, porque o olhar do outro abraça meu ser (...)" (SARTRE, 2011, p. 336).

Ao desnudarem seus crimes e desafetos, as personagens desejam encontrar umas nas outras uma forma de serem redimidas. Querem ser vistas pelo outro da forma como elas mesmas gostariam de se verem. Garcin deseja que uma de suas companheiras negue a sua covardia e o reconheça como um herói; Estelle almeja que outra consciência a apreenda como boa e pura, camuflando assim o infanticídio que cometera. Mas apesar de seus anseios, o outro não pode dar-lhe os atributos que deseja, pois o olhar fazendo as vezes do espelho, reflete exatamente aquilo que se mostra, e não o que gostariam. Essa é a dolorosa pena e a tortura que lhes aguarda.

Nesta condenação inusitada e inesperada, estar " [...] na presença do outro é estar nu e embaraçado diante de alguém que lhe constrange e aliena. No inferno, é impossível fugir do olhar do Outro" (ERCULINO, 2014, p. 205). Essa imagem que a peça constrói é mais radical do que aquela construída pela concepção comum, pelo fato de mostrar o quanto a liberdade do homem é minada frente ao outro que o constrange, não havendo fuga do seu olhar. A própria estrutura do atípico inferno em que estão reforça essa impossibilidade de fuga. Não há para onde correr nem para onde esquivar-se. Ao se retirar, o criado os deixara trancados e já alertara a Garcin, na condição de primeiro habitante, que a campainha do local não costumava funcionar, por isso, chamá-lo seria em vão.

Garcin, Inês e Estelle tiveram este destino como consequência de suas ações praticadas durante a vida, fruto da liberdade que implicava-lhes a condição humana, e agora estavam ali juntos compartilhando o mesmo fardo: consciências que se encaravam mutuamente e nesta relação recíproca definiam-se e revelavam quem de fato o outro era. Estando ali sem poder escapar do resultado de suas escolhas,

comprovavam que o homem possui a missão desafiadora de ser responsável por elas, escolhendo de forma livre suas ações, não podendo justificar-se, visto que ele próprio é responsável pelo que torna-se.

Cada uma das personagens, vindas de diferentes posições e de contextos diversos, dividem as mesmas paredes pela eternidade, e se inicialmente manifestavam-se surpresas pela ausência do carrasco, a percepção do papel que cada um desempenhará para o outro e da angústia de não haver onde se ocultar, começa a ser fonte de inquietação a ponto de aos poucos começarem a perceber qual era a finalidade de estarem os três reunidos debaixo do mesmo teto, sob a mesma condição. O carrasco que inicialmente era questionado, faz-se agora notar em cada um deles. Tal realidade é constatada pela fala de Inês em um de seus diálogos:

Ah! Esperem aí! Agora compreendi, agora sei porque nos puseram juntos! [...] Vão ver como é tolo. Tolo como tudo. Não existe tortura física, não é mesmo? E no entanto estamos no inferno. E ninguém mais chegará. Ninguém. Temos que ficar juntos, sozinhos, até o fim. Não é isso? Quer dizer que há alguém que faz falta aqui: o carrasco (SARTRE, 1977, p. 41).

A ausência de alguém que cause torturas e outros tipos de sofrimento dará lugar a única violência com a qual serão torturados, a violência do olhar, de modo que a objetificação dada pelo outro seja a tensão presente no decorrer de todo o drama.

É notável também o incômodo em não ser dono da própria imagem, tendo que submeter-se ao fato de que se é aquilo que o outro enxerga. Ser visto pelo outro implica não ser o dono da própria imagem, mas entregá-la nas mãos deste, não tendo nenhuma garantia do que o outro fará com ela. Esse descontentamento por não dominar mais a própria imagem pode ser captado quando Estelle nega-se a olhar-se através dos olhos de Inês:

Mas será que a senhora tem bom gosto? O "meu" gosto? Como é desagradável, como é desagradável! (...) Não sei. A senhora me intimida. Minha imagem, nos espelhos, era domesticada. Eu a conhecia tão bem!...Eu vou sorrir; meu sorriso irá até o fundo das suas pupilas, e Deus sabe o que será dele! (SARTRE, 1977, p. 48, grifo do autor).

Ao protestar afirmando que sua imagem vista por ela mesma no espelho era conhecida e domesticada, a personagem reconhece que agora que está totalmente

entregue ao olhar do outro, que retirou-a do *status* de dona da situação, de sujeito livre e independente, sendo agora considerada um objeto que não pode nem mesmo conhecer-se tão bem. Quando o outro lança seu olhar, tal olhar não pode ser apreendido como um simples olhar biológico e material, mas indica uma consciência, que ao olhar desestabiliza aquele que é visto, revelando que este também é consciência e apresentando aquilo que de fato ele é: um corpo atravessado pelo nada, marcado pela vergonha, pela facticidade e contingência, tendo suas possibilidades transcendidas pelo outro.

Sendo toda a peça desenvolvida sob a ótica do olhar e da presença do outro, a tensão e o conflito que permeiam a obra gira em torno deste ciclo conflituoso: um quer ser reconhecido como herói, mas não consegue anular sua covardia perante as demais, sobretudo perante Estelle, que não faz caso disso, já que sua aspiração única é ser amada e encontrar em Garcin uma fuga para seu crime, mas é desprezada, pois ele busca unicamente esconder seu ser covarde. Inês ao ser ignorada e não ver sua paixão por Estelle correspondida, torna-se um carrasco intragável para os outros dois, tentando a todo momento objetificá-los, mas é por eles objetificada também.

A peça reflete então que "Não consigo controlar qual será o ser que o outro constituirá. Além disso, as relações intersubjetivas não são estáveis: sou vítima e carrasco, sujeito e objeto" (ERCULINO, 2014, p. 208). É nesse cenário que surgirá a frase célebre da obra, que nomeia o próximo tópico e revela que apesar de conflituosa e tensa a relação com o outro, não é possível dele separar-se. Tal dependência e impossibilidade de separação, veremos a seguir.

3.3 O INFERNO SÃO OS OUTROS

Temos acompanhado a aflição expressa por Sartre através das personagens da peça que recebem como pena permanecerem as três sob a prisão do olhar do outro, sem se esconderem ou usar qualquer tipo de camuflagem que as encubram e as isentem de serem quem de fato são. De acordo com a expressão de Garcin, estão todas nus como minhocas (SARTRE, 1977), sendo inútil qualquer tentativa de deixar de ser aquilo que o outro vê. O suplício de cada uma é renunciar sua própria liberdade e colocá-la na mão de um outro, sendo dependente deste, que é o único

espelho do local. A respeito deste fato de fazer a experiência de si mesmo sob a visão dos outros, recordamos que:

Sartre argumenta que quando uma pessoa experiencia a si mesma da mesma forma que os Outros a veem, ela imediatamente deixa de ser um objeto transcendente, um puro ponto de vista no mundo, e se torna, ao invés disso, um objeto no meio do mundo, visto pelo ponto de vista do Outro. Experienciar a si mesmo como um objeto para o Outro é experienciar o Outro como um sujeito. É esta experiência direta e imediata do si como um objeto para a subjetividade do Outro que revela o Outro a ele como o Outro. Ele experiencia o Outro através da negação interna, imediata, de sua própria subjetividade transcendente pela subjetividade transcendente do Outro (COX, 2010, p. 67).

Ser visto pelo ponto de vista do Outro, que se apresenta, por mais que o negue, como um carrasco, é o tormento deste inferno que ao longo da peça vai se mostrando cada vez mais insuportável através das diferentes reações de seus habitantes: da inicial ilusão de desejarem permanecer indiferentes, à tentativa de agora fugirem do mesmo, o que não é alcançado.

No decorrer da peça, é perceptível que o clima de tensão se expande cada vez mais, de tal modo que no extremo do desespero, Garcin faz determinada declaração expressando seu esgotamento. Grita desesperadamente implorando que abram a porta, afirmando que aceita tudo para se ver livre do convívio com as suas torturadoras. Suplica pelas tenazes, chumbo derretido, pinças e outras punições do inferno com a condição de poder se ver livre de seu presente castigo (SARTRE, 2011).

O que causa certa admiração e até mesmo certo humor frente a esse acontecimento, é quando a porta de fato se abre, deixando livre o caminho para o personagem partir como tanto suplicava, e este permanece imóvel. Inês, a mais espontânea dos três e a que tece os comentários mais reveladores acerca de seus companheiros, questiona se Estelle também não desejaria ir já que o caminho estava livre, chegando a conclusão de que por mais que nada impedisse agora que fossem embora, fazia parte das estruturas dos três permanecerem juntos, realçando assim o caráter de ser Para-outro próprio de cada um.

Garcin confessa que permaneceu por causa de Inês, dada a sua capacidade de reconhecimento acerca das angústias que o inquietavam e sua sinceridade em não esconder o que o outro refletia, exercendo bem este papel de espelho revelador: "É você que eu devo convencer: você é da minha laia. Pensou então que eu iria

embora? Eu não poderia deixar você aqui, triunfante, com todos esses pensamentos na cabeça; esses pensamentos que me dizem respeito" (SARTRE, 1977, p. 93).

É interessante notar nessa fala a ideia de posse e domínio exercidos pelo outro neste inferno: os pensamentos que Inês agora tem na cabeça, pertencem também em certa medida a Garcin, já que tais pensamentos revelam também o que ele é. Partir não implicaria se ver livre do outro, pois como já vimos, tal presença do outro é estrutural.

Após a tentativa inútil de fuga e de lançar-se sobre Estelle como forma de vingar-se do realismo ardente de Inês, resta a Garcin reconhecer sua impotência frente a este ciclo: "Então, isto é que é o inferno? Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno...são os Outros" (SARTRE, 1977, p. 98).

Garcin nos ajudará no próximo capítulo, a pensarmos acerca das reações frente ao olhar do Outro, sendo ele o personagem que por mais que tenha inicialmente proposto às demais uma postura indiferente para que pudessem manter-se ilesos, no fim da peça rende-se com sua declaração à impossibilidade de não ser penetrado até o profundo do ser pela tortura do olhar.

4 JOSEPH GARCIN: COVARDE OU HERÓI?

A partir do contato com os personagens, Inês, Estelle e Garcin, observamos como Sartre apresenta a relação com o outro, caracterizada pelo conflito e pelo incômodo entre eles. Por meio da análise do enredo, chegamos à conclusão de que os três são inseparáveis. Fica evidente, ao longo da trama, a estrutura presente no âmago do Para-si, o fato de ser ele também Para-outro. Nesta seção, propomos lançar com maior atenção um olhar sobre o perfil de Joseph Garcin, esse personagem que inicialmente se valia da ilusão da indiferença como forma de escapar de maiores tormentos e, ao fim, não encontra outra saída a não ser reconhecer que o sofrimento do inferno são os outros.

Apesar de estarem juntos, cada um deve responsabilizar-se por seus atos particulares, e cada um reage de forma diversa frente a seus crimes. A soberba Estelle procura a todo custo encobrir sua crueldade, não admitindo-a em momento algum. Tendo a necessidade de se sentir amada, volta-se para o único homem presente no local, Garcin, mendigando seus afetos e atenções. Inês tortura seus companheiros por meio de sua sinceridade e pela clareza com que enxerga os fatos, não buscando maquiá-los. No entanto, tais características não a livra de estar também ela sob o jugo alheio. Garcin, neste triângulo conflituoso, oscila todo o momento na busca de passar para as duas uma imagem que não corresponde a que possui de fato.

Mas por que nesta pesquisa o destaque dado é a esse personagem e não a Inês ou Estelle? O que motivou o interesse de colocar em evidência o personagem Garcin foi o reconhecimento de que ele representa uma compreensão da intersubjetividade em Sartre. A relação com o outro no âmbito dessa filosofia é marcada por um conflito fundamental. Isso se explicita por meio da frase que ecoa dos lábios de Garcin "O inferno são os outros" (SARTRE, 1977, p. 98). Esta é como uma síntese de tudo aquilo que se passa na peça e da ideia que Sartre desenvolve acerca da relação com o outro. A relação no drama é conflituosa e carrega consigo um clima de tensão a ponto de Sartre se valer de uma releitura do inferno para descrevê-la e apresentá-la a seus leitores.

Embora a relação intersubjetiva seja marcada pela tensão, o outro é importante, pois através dele o sujeito capta as suas estruturas, reconhecendo-se quem é. Ao mesmo tempo que o outro revela quem o sujeito é, tal revelação se

torna incômoda e é o que garante o sofrimento desse inferno. Acerca da importância do papel do outro para que as estruturas sejam percebidas e reconhecidas, podemos observar que:

No âmbito das relações que mantém com os outros, o *ser* é o *ser-para-outros* quando necessita do *outro* para poder perceber as estruturas do seu *ser*. Quando é o olhar do *outro* que torna o eu real, ocorre a necessidade do constante olhar do *outro* como forma de atestar-lhe a existência e só será desejável que perceba o melhor do *eu*. Naturalmente, o contato intersubjetivo humano finda por desnudar tanto o *eu* quanto o *outro*, fazendo com que o conhecimento seja para além do que gostaria de dar a conhecer, conforme se extrai da peça *Entre quatro paredes* (OLIVO; GRUBBA, 2010, p. 149, grifo do autor).

De fato, o outro é tão necessário para que o Para-si se veja, e é o seu olhar que lhe revela a existência. Isso é notório na peça quando diante da ausência de espelhos no local, a única possibilidade de ver-se é através do olhar do outro, o que evidencia a sua importância nesse processo de mostrar quem é o sujeito. E é exatamente nessa experiência de submeter-se ao olhar alheio que consiste o desnudamento do **eu** frente ao **outro**. Mas além da necessidade de ser visto pelo outro, o conflito também se apresenta como inevitável. Se a presença do outro como espelho é a forma possível de enxergar-se, esse espelho revela além do que cada personagem gostaria de dar a conhecer, de modo que "Quando o olhar do outro está em harmonia com minhas expectativas, não há conflito, mas quando isso não acontece, ele configura para mim um espelho crítico que aponta minhas falhas e mentiras" (OLIVEIRA, 2008, p. 8).

Nada pode permanecer oculto frente ao olhar que vê. E é justamente aí que o conflito e a tensão se instauram na peça: no desejo de que só seja visto de si o melhor e de esconder aquilo que causa vergonha e repulsa, como os crimes, defeitos e falhas de cada um, fazendo com que os três recorram a diversos meios para cobrirem aquilo que de modo algum gostariam que fosse desnudado.

Esse conflito não se finda em momento algum, pois ele é fundamental e é o que constitui a relação intersubjetiva. Não é possível livrar-se dele como se livraria de algo secundário, e a peça se desenrola de forma cíclica, ou seja, nada quebra ou finda a tortura do inferno. No fim, resta reconhecer que mesmo após tantas discussões, tentativas de fuga e sofrimento, eles estarão ali para sempre, e depois

de tudo isso, o ciclo se reinicia, como se expressa Garcin no fim da obra: "Pois é, continuemos!" (SARTRE, 1977, p. 100).

Além da célebre frase do nosso personagem na qual reconhece o inferno como sendo os outros, e que nos dá uma espécie de chave de leitura da obra, outros aspectos também motivou-nos o interesse em evidenciá-lo, como por exemplo, suas reações de fuga, indiferença e contradição perante o outro, no caso da peça, das duas condenadas. Tais reações serão abordadas nos tópicos seguintes e visam deixar claro que quanto mais se almeja escapar dos impactos da alteridade, mais se é por eles atingido. Esse fato é claro se analisarmos durante a narrativa as falas e ações de Garcin nesse processo de estar sujeito à tortura exercida pelo outro. Na medida em que esforça-se por cobrir-se e por esconder os traços que o compõem, mais se realça o fato de que estava desnudado frente ao outro e de que não seria possível forjar para si uma outra realidade.

Seu maior anseio consiste em ser reconhecido como herói, e conseqüentemente, seu maior medo é que lhe rotulassem como covarde. Mas tal anseio e medo não dependem dele, não estão sob seu controle e domínio: foram postos sob o crivo do reconhecimento dado por meio do outro, de suas duas companheiras. Mas qual é a saga do personagem e por que a marca de covarde o acompanhou neste inferno sem que ele consiga dela se livrar?

4.1 COVARDIA E FUGA

No decorrer da peça é notório que o conflito que marca o personagem em análise, se deve ao fato de que ele não acata nem reconhece a imagem que o outro faz dele. A ideia de ser reconhecido como covarde o faz estremecer. Tal covardia que o persegue e que o marcou se deve ao fato de que Garcin havia sido convocado quando a guerra eclodiu, porém, impelido pelo medo de apresentar-se, planejou ir de trem para o México para escapar de sua convocação. Não obteve êxito, porque na fronteira foi capturado, sendo preso e morto com doze tiros. Passou ele para o além, no inferno, mas é impossível negar que morreu como um medroso, em fuga, esquivando-se de cumprir com suas legais obrigações.

Do lugar onde se encontra, ainda consegue ver sua mulher, a quem tratara da pior forma possível em vida, ignorando-a e fazendo-a sofrer, ir frequentemente ao quartel buscar notícias do destino de seu falecido marido. Com frequentes acessos

de raiva, narra aquilo que vê, de forma áspera e com rigor: "Ela não chora: não chorava nunca. O sol está lindo, e ela está toda de preto na rua deserta, com aqueles seus grandes olhos de vítima. Ah! Ela me irrita" (SARTRE, 1977, p. 31). Marido infiel que fora, não usa de polidez para contar vantagem de seus maus tratos e de toda brutalidade que tivera para com ela.

Tais relatos presentes no enredo ajudam-nos a moldarmos e conhecermos a personalidade do personagem, que a todo momento reage à imagem formada que o outro faz dele e busca encobrir sua realidade. Violento e inescrupuloso pela forma que tratara sua mulher e pelos excessos de fúria que transparece nos seus diálogos com Inês e Estelle, Garcin é atormentado agora pelo destino que tivera que o rotulou não da forma com que almejava.

Seu tormento aumenta mais à medida que consegue constatar sua temida realidade exposta no mundo dos vivos. Nem a morte o isentara da aflição de saber que seus companheiros afirmam sua covardia, sendo isso que ficara estabelecido entre eles de modo tão profundo. Já presente que em breve o usarão como exemplo de fraqueza, sendo irreversível sua ação. Já estava objetificado pelo olhar do outro.

Tamanha inquietação de Garcin o conduz ao reconhecimento da necessidade de que ao menos alguém o defina como um herói, e não como um covarde. Essa necessidade da definição que o outro poderia lhe dar, explicita que no inferno onde estão, a dependência da mediação do outro é imprescindível. É o outro que vê, que reflete a sua imagem, que lhe diz quem ele é. Tudo se dá por meio do outro e é nesse sentido que tal dependência se manifesta. Essa realidade faz-se notar a seguir, num dos diálogos entre Garcin e Estelle, no qual lemos:

[...] Veja só: são mil a repetir que eu sou um covarde. Mas o que são mil? Se houvesse uma alma, uma só, que afirmasse, com todas as suas forças que eu não fugi, que eu *não* posso ter fugido, que eu tenho coragem, que sou um sujeito direito, tenho... tenho certeza de que me salvaria. acredite em mim. Eu ficarei gostando mais de você do que de mim mesmo (SARTRE, 1977, p. 86, grifo do autor).

O personagem manifesta o anseio pela afirmação alheia e deseja estar satisfeito com a imagem que o outro faz de si mesmo. Porém, não está em seu controle a forma como o outro o vê. Embora o olhar do outro seja o meio pelo qual ele se reconhece, esse olhar também rouba e determina a sua imagem.

Isso recorda que o Para-si encontra seu fundamento fora de si, ou seja, as atribuições e características que possui não lhe advém de si mesmo, mas é o outro quem as confere na medida em que sua liberdade passa pela liberdade do outro que tem o poder de defini-lo, ainda que ele esteja sujeito como pura remissão a este (SARTRE, 2011). Se apenas uma única pessoa, mesmo que uma das que coabitavam com ele no inferno, negassem que a covardia era um de seus adjetivos, já lhe serviria de alívio. Seria um alívio porque ele se veria refletido na consciência alheia da forma como tanto almejava e buscava ser. Se uma única consciência o encarasse como sendo um herói, essa imagem estaria presente de certo modo em si mesmo, já que o outro revela o que ele é. Mas não é o que acontece. Depois de Garcin assim se expressar, Estelle deixa transparecer sua função de ser torturadora, respondendo o apelo de Garcin com desprezo e certificando-lhe que sua escolha por ser um desertor já estava impregnada em sua pessoa: "Idiota, meu querido idiota! Então você pensa que eu seria capaz de amar um covarde?" (SARTRE, 1977, p. 86).

Além dessas que apresentamos, outra particularidade do personagem que a peça deixa transparecer é a tentativa sem êxito de permanecer indiferente aos efeitos do olhar do outro, intentando-se com isso passar ileso de sua parte na tortura. Desejava ele ser protegido por essa atitude, mas como permanecer indiferente sabendo que aquilo que ele é agora também faz parte e pertence de certo modo ao que o outro vê? Faz-se então necessária a apresentação de mais esta marca que o acompanha na peça.

4.2 A INDIFERENÇA FRENTE AO OLHAR DO OUTRO

Não seria possível ao enumerar as características e atitudes de Garcin ao longo da obra, deixar de lado seu anseio de permanecer num estado de indiferença plena, intentando-se com isso não ser o carrasco de ninguém (SARTRE, 1977), para que também ninguém lhe torturasse.

Essa característica é elencada por Sartre (2011) como sendo uma das reações possíveis para com o outro. De acordo com ele tal atitude corresponde a uma "[...] *cegueira* com relação aos outros. [...] não padeço esta cegueira como um estado; *sou* minha própria cegueira diante dos Outros, e esta cegueira encerra uma compreensão implícita do ser-Para-outro [...]" (SARTRE, 2011, p. 474, grifo do

autor). Esta cegueira ligada à reação da indiferença, não deve ser compreendida enquanto um mero estado ou uma condição física, mas sim enquanto uma tentativa do sujeito de livrar-se do outro, especialmente do seu olhar que o define, e de tratá-lo como a um obstáculo, de não dar-lhe atenção, agindo como se este nem mesmo pudesse direcionar o seu olhar.

A intenção de ver o outro como mero obstáculo distante que não causasse nenhum impacto e incômodo, faz-se notar em determinados momentos na peça nos quais destaca-se essa reação frente ao outro por parte de Garcin. Este não esconde seu aborrecimento, e insiste muitas vezes numa tentativa de conciliação que os três se determinassem a não se conflitarem, como se isso fosse possível de ser alcançado pelos mesmos: "Compreendo muito bem que minha presença a aborreça. E, se dependesse de mim, preferiria estar só. [...] Apenas, se me atrevo a dar um conselho, será bom conservarmos entre nós uma extrema polidez. Será nossa melhor defesa" (SARTRE, 1977, p. 22).

A necessidade de se valer de uma defesa perante o outro, dá a este um caráter de ameaça, de um perigo que reclama por uma reação de autodefesa. A apatia de Garcin põe às claras o anseio de encobrir-se do olhar do outro, pois este olhar representa um perigo para aquele que é visto na medida em que não lhe possibilita fugir ou esquivar-se de sua definição. O personagem transparece esta inquietação por tentar fazer da indiferença ao outro uma defesa, a ponto de expressar-se da seguinte forma:

[...] Não lhes desejo mal, e **nada tenho que ver com as senhoras**. Nada. É muito simples. Vejam só, cada qual no seu canto; esse é que é o jogo. A senhora aqui, a senhora ali, eu lá. E silêncio. Nem um pio. Não é difícil, não é mesmo? Cada um de nós tem muito a se incomodar consigo mesmo. Acho que eu seria capaz de passar dez mil anos sem falar (SARTRE, 1977, p. 42, grifo nosso).

A proposta de Garcin consiste em que os três pudessem entrar num estado de desprezo tão grande que passassem a agir como se nada tivessem em comum e como se um pudesse ficar desobrigado de se submeter ao olhar do outro. O personagem, conforme notamos na citação acima, ainda intervém sugerindo que cada qual assumisse para si um **canto** e nele permanecesse imóvel. Este canto onde cada um deveria permanecer, mais do que um espaço físico ou local, expressa o anseio de que o outro não pudesse invadir os limites de seu mundo, de sua

consciência, que este não ousasse pisar no território delicado da subjetividade alheia fazendo com que fosse evidenciado aquilo que pesava na consciência deles.

Além dessa sugestão que se reveste de um caráter de súplica, o personagem como que assume um tom imperativo ao desejar que o silêncio reinasse no ambiente. Se a tortura passava pela experiência de ouvir o outro com suas palavras tirando as máscaras que eram ostentadas, não dar nenhum pio, conforme sua expressão, seria a melhor saída. O condenado diz que cada um já teria que se preocupar consigo mesmo e isso já seria uma fonte de sofrimento, na medida em que não conseguiam ficar livres de seus fardos, e até mesmo o silêncio da consciência já seria uma fonte de tortura. Se não há a possibilidade de silenciar a consciência, almeja ao menos que as duas se calem.

Ele implora por silêncio pois "A voz das duas mulheres ecoando no interior da mente de Garcin o impede de conectar-se com o mundo *real*. [...] Mas para Inês é impossível abstrair a presença dos outros. Até o silêncio de Garcin grita um desespero mudo em seus ouvidos" (OLIVO; GRUBBA, 2010, p. 154, grifo do autor).

Tanto esforço por se valer da indiferença como uma forma de fuga e proteção, revelou-se, no entanto, como infrutífero. Garcin indica que o outro, quer em silêncio, quer falando, se mostra como aquele do qual é impossível tomar distância. Até o silêncio que por ventura o outro faça é um suplício, pois este já o captou enquanto um covarde e essa imagem agora já está fora de seus limites. Afinal, esse suplício é a essência da condenação que compõe a trama e os personagens não encontram outra saída a não ser se render totalmente a ele. A contradição é outro ponto decisivo da peça que agora dedicamo-nos a explicitá-lo.

4.3 A CONTRADIÇÃO PERANTE O OUTRO

A última marca que gostaríamos de evidenciar em relação ao personagem que destacamos nesta pesquisa é a contradição. Toda a peça, na verdade, possui esse caráter de provocar no leitor uma contradição. De que forma?

Quando se toma nas mãos uma obra que pretende tematizar a relação intersubjetiva e se tem contato com uma descrição desta a partir de uma reconstrução do inferno, inteiramente fora dos padrões construídos até então, isso já mostra um aspecto contraditório da obra, na medida em que costumamos associar os sofrimentos do inferno a outros diferentes do que é apresentado. A peça vai na

contramão do que é esperado acerca do destino que três condenados poderiam ter. Deparar-se com uma desconstrução de um tema tão profundo e temido nos conduz à forma pela qual o autor expõe suas ideias.

Todavia, além da desconstrução do inferno, a contradição maior faz-se notar no comportamento das três figuras, especialmente em Garcin, que anseia por uma imagem totalmente contraditória a tudo aquilo que praticara em vida. A peça é uma exposição das teorias de Sartre de forma artística, e uma releitura que faz do inferno contradizendo os protótipos esperados. O autor "[...] fez de **Entre Quatro Paredes** uma denúncia a toda ilusão de isolamento e irresponsabilidade. [...] Sartre incita o homem a *se inventar*, pois o destino do homem é construído por ele mesmo: o homem é aquilo que faz" (ALMEIDA, 1977, p. 22-23, grifo do autor). A obra leva à reflexão da responsabilidade do homem frente a suas escolhas e atitudes.

Se atentamo-nos a imagem de Garcin, vemos o exemplo de alguém que se esquivava o tempo todo de suas responsabilidades, não reconhece que tudo aquilo pelo qual ele passa no inferno não se trata de um erro ou um simples infortúnio do destino, mas resultado claro de suas escolhas. Ele reflete um perfil contraditório na medida em que seus gestos não correspondem à imagem de herói que ele tanto deseja ostentar. Entre suas ações em vida e o heroísmo que reclama para si, existe um grande abismo que não pode ser preenchido. Morreu como covarde e mascarava-se como herói. Por isso é contraditório. Dentro deste tópico no qual analisamos essa sua marca, podemos constatar que:

A contradição é a marca de sua existência. [...] Sua máscara social correspondia a de um herói, enquanto suas ações denunciavam sua covardia. Já no inferno, afirma ao criado que gosta de encarar as situações de frente, mas logo em seguida na presença das duas mulheres se esquivava, abaixando a cabeça e permanecendo em silêncio. Vive em constante conflito com sua imagem [...] Sua dualidade exerce sobre ele forças antagônicas que fazem com que se coloque de forma passiva e acomodada frente à vida. Estando satisfeito, ou não, procura se adaptar às situações para não ter de agir e modificá-las [...] O contraste de seu estilo com o de Inês o incomoda, pois serve para ele como um espelho a refletir sua não ação e, conseqüentemente, sua covardia (OLIVEIRA, 2008, p. 7).

Nesse antagonismo de covardia e heroísmo que sobressai da saga de Garcin, notamos a sua frustração por não assumir aquilo que lhe diz respeito. A sua fuga não foi apenas uma fuga geométrica e espacial, mas ele reflete uma fuga de sua verdadeira imagem, de ser o responsável por estar onde se encontra. Se nos vagões do trem fugia para o México com a pretensão de safar-se como um desertor,

agora nas quatro paredes do inferno ainda permanece em estado de fuga, contradizendo-se o tempo todo numa expectativa vã de mudar o que é irreversível.

Ao contar para suas ouvintes a sua trajetória, resta-lhe apresentar uma justificativa: "Morri cedo demais. Não me deram tempo de praticar os *meus atos*" (SARTRE, 1977, p. 94, grifo do autor). Intenta com isso conferir a culpa de suas isenções à sua morte precoce. Porém, a resposta de Inês, como sempre impedindo-lhe de se justificar e sendo um espelho fiel que mostra o verdadeiro Garcin, o desilude: "Morre-se sempre cedo demais-ou tarde demais. No entanto, a vida aí está: liquidada. [...] Você nada mais é do que sua vida" (SARTRE, 1977, p. 94).

Os tópicos que este trabalho apresentou, visaram auxiliar numa compreensão da peça seguindo os passos de Garcin. Sua imagem é significativa para compreendermos que é impossível viver como se o outro não existisse e não fizesse parte das estruturas do Para-si. Covarde, indiferente e contraditório, não ousa, no entanto, fugir do triângulo em que está integrado, pois por mais que o outro lhe torture, definindo-lhe quem é, esse olhar do outro é também o caminho que lhe permite reconhecer-se.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como tivemos a oportunidade de constatar ao longo da presente pesquisa, Sartre desenvolveu sua filosofia de forma fenomenológica, ou seja, indo às coisas mesmas tais como são e captando o fenômeno como este se revela. O filósofo tomou como meio de sua pesquisa a concretude dos fatos e a realidade como tal. É partindo desse viés ontológico-fenomenológico que analisou as formas de ser no mundo, diferenciando-as uma das outras e descrevendo-as.

No primeiro momento deste trabalho, foram apresentadas as formas de ser no mundo elencadas por Sartre, o ser Em-si e Para-si, com as características próprias de cada uma. Após serem diferenciadas, foram numeradas e descritas as estruturas imediatas do Para-si.

Tendo sido apresentadas as características e estruturas do Para-si, dedicamo-nos a contextualizar a peça **Entre Quatro Paredes** na filosofia de Sartre e a analisá-la por meio da narração de seu enredo e das personagens que a compõem. A obra enquanto uma expressão artística teatral, reflete as teorias da obra mestra de Sartre, **O Ser e o Nada**, no que diz respeito ao encontro com o outro e as consequências por ele originadas.

A imagem usada pelo filósofo para transmitir a seus leitores suas teorias acerca da intersubjetividade é o inferno. Não aquele simbolizado por tormentos que permeiam as crenças e o imaginário popular, mas unicamente pelo fato de que cada personagem está condenada a estar sob o olhar do outro de forma reclusa no limitado espaço onde a peça se desenrola, que mais do que um local, remete às próprias estruturas do Para-si que se vê atingido por outra consciência que o define.

Após uma análise de como o autor estabeleceu a relação entre as personagens no inferno da alteridade, que é descrito no drama, foi escolhida a personagem Joseph Garcin, para que, através do seu perfil, pudéssemos analisar algumas reações frente ao outro, como a fuga, a indiferença e a contradição.

Pudemos constatar que Garcin representa uma compreensão da intersubjetividade em Sartre pela forma com que trata suas companheiras no inferno onde se acha condenado, marcado pelo desejo de esconder-se e por tentar não ser atingido pela força do olhar do outro que penetra suas estruturas, o que acaba por não alcançar, visto que é impossível manter-se ileso frente à objetificação realizada pelo outro.

O que resulta desse estudo, é que a essência da relação com o outro, da relação entre as consciências, é o conflito. Nesse aspecto, a imagem do inferno elaborada por Sartre ganha sentido e só pode ser entendida na medida em que se compreende que cada um dos três está ali não por coincidência ou obra do destino, mas por causa de suas ações, daquilo que foram e praticaram em vida. O homem enquanto ser livre não pode abster-se de suas escolhas e das consequências que essas possam acarretar.

Portanto, podemos afirmar que o outro é apresentado em **Entre Quatro Paredes** enquanto importante para que o sujeito se reconheça, capte as suas estruturas e se veja refletido como num espelho através da mediação do olhar. Apesar de tamanha importância estrutural que o outro exerce para o sujeito, a relação entre ambos é profundamente desconfortável e geradora de conflito. Estar dentro desse inferno implica em que cada personagem coloque em posse do outro sua própria imagem, seja definido por ele e reconheça que sua liberdade passa também pela do outro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eliana Sales Paiva. **Conflito e intersubjetividade em O Ser e o Nada de Sartre**. 2003. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6466/1/2003-DIS-ESPAGUIAR.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2022.

ALMEIDA, Guilherme de. Tradução e notas. In: SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Abril Cultural/ Editor Victor Civita, 1977. p. 5 - 23.

BORNHEIM, Gerd. **Sartre: metafísica e existencialismo**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COX, Gary. **Compreender Sartre**. 2ª ed. Trad. Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2010.

ERCULINO, Siloe Cristina do Nascimento. A violência do olhar: intersubjetividade em Sartre. **Revista Kínesis**, Marília, v. 6, n.11, p. 200-214, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/Cliente/Downloads/moraesunesp,+4564-15047-1-CE%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/moraesunesp,+4564-15047-1-CE%20(2).pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2022.

EXISTENCIALISMO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5º ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 402.

LANDIM, Robione Antonio. **A gênese da intersubjetividade conforme a filosofia existencial**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019. Mimeografado.

MORRIS, Katherine J. **Sartre**. Trad. Edgar da Rocha Marques. Porto Alegre: Artmed, 2009.

OLIVEIRA, Carolina Mendes Campos. A psicanálise existencial de Jean Paul Sartre na peça "Entre Quatro Paredes": o jogo de espelhos do encontro com o Outro. **Anais do I Simpósio de Psicologia Fenomenológico-existencial**, Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2008. Disponível em: <<http://www.existencialismo.uerj.br/pdf/CarolinaCampos.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2022.

OLIVO, Luis Carlos Cancellier de; GRUBBA, Leilane Serratine. Entre quatro paredes: A questão da liberdade em Sartre. **Revista Seqüência**, Florianópolis, v. 3, n. 61, p. 147-169, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/2177-7055.2010v31n61p147/17281>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SANTOS, Tiago Soares dos. Intersubjetividade em Sartre: O Para-si e o Para-outro. Revista **Trilhas Filosóficas**, Caicó, ano IV, n.2, p. 50-60, 2011. Disponível em: https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N_08/IV_2_art_4_Tiago%20Soares.pdf. Acesso em: 6 maio 2022.

SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes**. Trad. Guilherme de Almeida. São Paulo: Abril Cultural/ Editor Victor Civita, 1977.

_____. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 20º ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOLIPSISMO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5º ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 918.